

Officina de composição  
e impressão de  
MANUEL BAPTISTA TORRES  
R. DE S. MARTINHO  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR  
Manuel Baptista Torres  
Redacção e administração  
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

**Assignaturas**

AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra da Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 24500. Semestre, 12500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

Numero 419

## DE MAL A PEOR

O governo vai mal. Não ha duvida nenhuma. Não a'houve nunca. Nem sequer cumpriu a sua promessa,—chamemos lhe assim,—dictatorial. Ao subir ao poder prometeu o sr. João Franco governar dentro das normas constitucionaes, promessa que foi affirmando muito tempo e tão cathegoricamente que chegou a empenhar n'ella a sua palavra de honra. Ao encetar a dictadura prometteu cathegoricamente fazer uma larga, profunda e energica dictadura administrativa. Nem cumpriu a primeira promessa, nem a segunda. Da dictadura não tem resultado utilidade nenhuma. O governo pensa mais em perseguir os adversarios do que em fazer largas reformas administrativas.

Entre essa perseguição toma vulto, e merece a mais energica censura, o processo movido aos magnates que na estação do Rocio commandaram as manifestações contra o dictador. E merece a mais energica censura por terem ficado de fóra do processo os militares e os policiaes que, sem as intimações da lei, fizeram fogo contra o povo. O governo estava no direito de mandar pesquisar culpas. Houve desordens. Resultaram d'essas desordens mortes e ferimentos graves. Era natural que sobre o caso recaísse a acção da justiça. Não só natural como forçoso. Era um caso do dominio publico. Ninguem ignorava que houvera mortes e ferimentos. A justiça podia e devia proceder, mesmo sem instigação ou ordem do governo.

Até ahí está bem. Mas o que está mal, muito mal, é apparecerem processados só aquelles que, segundo a accusação judicial, promoveram os motins. E então os que feriram? Os que mataram? Ou vigora definitivamente a doutrina, que já ouvimos em occasião identica sustentar a um lente da Universidade, que a policia e a tropa, quando ferem e matam no exercicio das suas funções de mantenedores da ordem publica, ferem e matam sempre bem?

Para esse lente da Universidade não havia o abuso d'auctoridade, não havia o excesso de repressão, não havia o espirito de vingança, não havia nada. Havia desordens nas ruas? Era chamada a tropa ou a policia para dominar essas desordens? A tropa e a policia faziam o que muito bem lhes agradasse. Provava-se que podiam dominar a desordem sem recorrer aos meios extremos? Provava-se que este ou aquelle commandante, este ou aquelle militar ou policia se haviam aproveitado da circumstancia para exercer vinganças de caracter politico ou de caracter meramente pessoal? Provava-se que se não havia recorrido a nenhum dos meios que regulam a violencia, porque tambem ha regras para a violencia em casos d'esses? Era a mesma coisa. Os tropas e os policiaes tem o direito de ferir e de matar e quando ferem e matam ferem e matam sempre bem. Era a doutrina do lente da Universidade. E vê-se agora que é a doutrina de toda a gente n'esta terra.

Contra isso protestámos sempre. Contra isso, por conseguinte, protestamos.

Sem, contudo, nos admirarmos. O que succede é a consequencia logica do procedimento de todos

os homens publicos e de todos os partidos. N'este paiz não se combatem as dictaduras. Combatem-se só os dictadores. N'este paiz não se combatem os crimes e as violencias. Combatem-se só os criminosos e os violentos. Mas os dictadores, os criminosos e os violentos—escusado seria dizê-lo—da quadilha contraria. *Chamo lh'o, chamo lh'o, antes que t'o chamem. Tira-te tu para me pôr eu.*

A guerra é a João Franco. Não é a dictadura, é a violencia que exerce João Franco. Amanhã, com outro nome, vem outro João Franco. Esse outro João Franco faz o mesmo que faz o actual João Franco. Alpoim já se chamou João Franco, e, como João Franco, exerceu as maiores violencias e prégou as mais peregrinas theorias. Hintze Ribeiro foi João Franco e proclamava-se que o maior desgosto que o levou á cova foi não o deixarem ser mais João Franco que o proprio João Franco. Tinha o fallecido chefe regenerador pedido ao rei a dissolução das camaras sem audição do conselho d'estado. Promettia o fallecido chefe regenerador metter na ordem, depois d'isso, os republicanos. O rei não o consentiu então. E foi tamanho o desgosto de Hintze que d'ahi derivou, diz-se, a razão principal que o levou á sepultura.

José Luciano foi tão violentamente combatido—ou ainda mais—como João Franco, e foi precisamente João Franco um dos seus adversarios mais implacaveis e mais violentos.

Bernardino Machado dá beija não aos seus subditos como o rei. Ostenta em tudo mais realza que o proprio rei. E os seus subditos proclamam que é nobre fazer com elle o que é indigno fazer-se com o rei.

Mão anonyma nos envia o *Jornal da Noite*, que não costumamos lêr, para sabermos que Bazilio Telles defende em qualquer jornal de provincia as dictaduras. Eis o bocado que transcreve o *Jornal da Noite* do artigo do sr. Bazilio Telles:

«Ora, qual d'estas coisas preferir: um parlamento, por mais genuinamente eleito que se queira suppr, que nenhum pensamento commum de governo animaria, ou um gabinete com um plano bem meditado de reformas, prescindindo-se para a sua execução de uma assembleia que ou não o entenderia, ou talvez, graças ao prurido de discutir e de emendar, lhe cercaria o alcance e lhe deturparia as intenções?...

...E se o parlamento não é mais, entre nós, que ridicula parodia, não será preferivel dispensal-o quando haja um plano sério de governo a pôr em execução, sem demora e integralmente?

Evidentemente, é preferivel o gabinete, se elle é composto d'infalíveis, d'omniscientes, d'omnipotentes. Mas como n'esse caso, alem do Papa, só existe Bernardino, evidente tambem que a ideia de Bazilio fica desazada se Bazilio não consegue arranjar dez Bernardinos Machados. E dizemos dez, porque ministerio republicano, que tem obrigação de ser d'escacha, mette logo, alem dos existentes, ministro da instrucção publica, ministro da agricultura, e ministro das colonias. Dez Bernardinos Machados! O que importa logo dez apothecses, 160 medalhas, 160 dias feridos em cada anno, com dez hymnos da sementeira, que, a ser tocados cada vez que se beijar a mão aos santos, como nos toiros quando se mette no lombo do boi uma garrocha, e os Bernardinos,

pela certa, não farão isso por menos, dão um charivari que faz com que a gente tenha saudades de todos os banzês parlamentares.

Ministerio inamovivel, pois que sendo já difficil arranjar dez Bernardinos, seria inteiramente impossivel arranjar o numero preciso para revezar. Imaginem a tyrannia celestial!

Não ha, pois, duvidas. Combatem-se os homens, e não os actos dos homens. Visa-se a substituir os homens e não os actos dos homens. Liberdade, democracia, é uma cantiga, uma pura cantiga n'esta terra. Substituidos os homens, os actos continuarão a ser os mesmos com outros homens.

Não ha outra escola em Portugal senão a escola da violencia, a escola da força, a da mentira e a do venha a nós. Em que tanto primam os republicanos como primam os monarchicos.

Jaurés, escrevendo ha poucos dias, n'um jornal francez, um artigo sobre a reunião dos proximos congressos socialistas em Nancy e Stuttgart, dizia:

«Les minorités ardentes et révolutionnaires ont le ferment nécessaire, et seule la chaleur de l'idéal peut faire éclore les germes; mais les grandes transformations sociales qui touchent à la masse enorme des intérêts enchevêtrés ne peuvent pas être l'œuvre exclusive d'une élite; il y faut la coopération, ou tout au moins l'assentiment de l'immense majorité des citoyens, et les syndicalistes les plus véhéments ne tarderont pas à constater que pour déterminer des mouvements vastes, pour conquérir les masses, il faut procéder avec méthode, éviter tout ce qui fait peur inutilement, éliminer les violences de surface. Ils constateront aussi que pour grouper les travailleurs eux-mêmes, les exploités eux-mêmes, il faut leur apporter, au jour le jour des résultats précis, des réformes tangibles. Ainsi une large politique d'organisation, de réalisation, d'évolution active prévendra naturellement et nécessairement dans la Confédération du travail et dans le parti socialiste, surtout quand le pouvoir aura cessé de faire par ses violences, par ses provocations, par ses brutalités, le jeu des forces les plus incohérentes.»

O que Jaurés diz dos syndicalistas em França poder-se-hia dizer dos chamados republicanos em Portugal se estes fossem capazes de comprehender a situação. Nunca a comprehenderam. Não a comprehendem n'este mesmo instante. Fazendo uma politica negativa, meramente revolucionaria, dando provas de todos os vicios dos monarchicos, conduziram o partido republicano aos desastres de 1891 e de 1907. Porque o que está acontecendo é um verdadeiro desastre. O que está acontecendo é aquillo que, porventura, se prepara. Um grande desastre.

Os republicanos poderiam ter exercido uma acção extraordinaria, extraordinariamente benefica, na politica portugueza. Preferiram enveredar por o caminho das arruças, das conspiratas, das tentativas revolucionarias. O que conseguiram?

Ahi está patente o que conseguiram. Nem conseguiram fazer com que a monarchia mudasse de processos, nem derribar a monarchia. Conseguiram só tornar patente, e bem patente, a sua insufficiencia intellectual, a sua insufficiencia moral e a sua impotencia material.

Sempre lh'o dissémos. Triunpha em toda a linha a nossa opinião. Confirma-se plenamente a nossa propaganda. Mas nós somos

o discolo, o agente do governo, o desorientado, e os atilados e patriotas são elles.

E' deploravel, é censuravel tudo quanto faz o governo. E'. Mas a verdade é que todos os partidos e todos os homens publicos tem concorrido para essa triste situação.

E quer-nos parecer que o peor está para vir.

## AOS NOSSOS ASSIGNANTES

O assignante n.º 269 é o sr. dr. Antonio Gomes, morador na rua das Flores—Pharmacia Gomes, Porto. Mandámos-lhe o recibo por mais do que uma vez. Veio sempre devolvido com a nota: «procurado e não encontrado». Escrevemos-lhe pedindo o favor de liquidar o seu debito. Não respondeu. Não respondia, não devolvia o jornal, não pagava. Ora se devolver o jornal sem pagar é illegitimo, muito mais o é nem devolver o jornal, nem pagar. Nestes casos, recorreremos ao expediente de juntar o numero d'esse assignante aos numeros d'outros que estavam em atraso pedindo d'aqui a todos esses cavalheiros muito delicadamente, sem melindre, pois ninguem sabia a quem nos referiamos, o favor de liquidarem os seus debitos, já que os correios declaravam não os encontrar. Quasi todos responderam, ou pagaram, o que agradecemos. Foi o sr. dr. Antonio Gomes dos poucos que tem resistido a successivas chamadas. E esta semana devolveu-nos o jornal, SEM PAGAR O QUE DEVA.

«Pelo dedo se conhece o gigante». Ha factos que definem mais do que todas as palavras. Este é um d'elles.

Aos assignantes n.ºs 698, 500, 487, 43, 242, 108, 236, 386 e 834 continuamos a pedir o favor,—embora nos pareça que já era tempo de nos pouparem a repetição do pedido—de mandarem sem demora pagar as suas assignaturas.

## IMPRESSÕES DO EXTRANGEIRO E IMPRESSÕES DE PORTUGAL

A estatura dos pobres, diz Nicoforo, é, em qualquer idade, inferior á estatura dos ricos ou remediados: 1,46 para as creanças pobres de 14 annos e 1,50 para as creanças remediadas; 1,64 para os homens pobres e 1,68 para os remediados; da mesma idade uns e outros e do mesmo typo physico (brachycephalos).

(1) A pequena digressão começada no artigo anterior e que continuaremos talvez em mais um ou dois artigos não nos faz abandonar a questão dos cereaes, da farinha, do pão, á qual voltaremos brevemente.

O peso do corpo, seja em absoluto, seja em relação á estatura, é maior entre os remediados: 35 kilogrammas, por exemplo (peso relativo =24) para os remediados de 13 annos e 33 kilogrammas (peso relativo =23) para os rapazes pobres da mesma idade.

A circunferencia da cabeça é mais pequena nos pobres: 524 para as creanças pobres de 11 annos e 533 para as creanças remediadas da mesma idade, 551,9 para os adultos de 20 annos remediados e 547 para os adultos pobres da mesma raça e da mesma idade.

O mesmo succede em relação á altura da fronte, á capacidade provavel do craneo, ao peso provavel do encephalo; os individuos das classes pobres dão mensurações inferiores aos das outras classes: 1576 c. c. de capacidade craniana (calculada segundo o methodo de Parclappe e por consequencia maior que a capacidade real) nas creanças remediadas de 14 annos e apenas 1537 nas creanças pobres; 1371 de peso provavel do encephalo (calculado segundo o coefficiente 0,87) nas creanças remediadas de 14 annos e apenas 1337 nas creanças pobres da mesma idade. As mensurações directas do peso do encephalo, sujeitas, aliás, a muitas causas d'erro, parecem confirmar estes dados.

O desenvolvimento do craneo anterior medido em proporção á circunferencia total é maior nos individuos das classes remediadas: 45,3 nos adultos de 20 annos e 44,8 nos adultos pobres do mesmo typo cephalico e da mesma idade.

A força, medida ao dinamometro, é muito inferior nas classes pobres, seja qual for a idade: 10 kilogrammas para os rapazes de 7 annos ricos e 8 kilogrammas para os rapazes pobres da mesma idade; 18 kilogrammas para as raparigas remediadas de 12 annos e 17 kilogrammas para as raparigas pobres da mesma idade.

A resistencia á fadiga, medida contando com a diminuição de força n'um individuo depois de 10 experiencias successivas de dynamometro, é maior nas creanças remediadas. As observações de Nicoforo n'este ponto foram depois confirmadas pelo dr. Pieraccini, professor na faculdade de medicina de Florença, que fez um estudo muito interessante sobre a produção de trabalho dos adultos e das creanças, das classes pobres e remediadas.

Succede que por effeito do exercicio muscular e da hypertrophia resultante de algumas profissões, o perimetro do thorax é mais forte em certos individuos das classes pobres. Mas quando se examinam as creanças, que ainda não receberam a acção do exercicio profissional, vê-se que o perimetro do thorax nas creanças pobres, seja qual for a sua idade, é sempre inferior ao das creanças das classes remediadas.

O movimento de crescimento é mais lento nas classes pobres.

Se do exame das creanças e dos adultos passarmos aos dois recém-nascidos, os resultados obtidos, diz Nicoforo, confirmam admiravelmente o estado de inferioridade physica e physiologica em que se encontram as classes pobres relativamente ás classes remediadas. E' claro que os recém-nascidos de mães que durante a gravidez foram bem alimentadas e que tiveram repouso hão de pesar mais que os das mães fatigadas e mal alimentadas.

O aspecto, o estado geral, as deformações do esqueleto, a physiologia conjugam-se com as observações

que ficam exaradas. Examinando atentamente os pobres qualquer descoberta os signaes das verdades scientificas proclamadas pelos medicos e pelos higienistas, esse estado geral de miseria physica ou physiologica que não é caracterizado por nenhum estigma bem nitido, bem claro, mas que se revela por um conjunto d'indícios dando ao rosto e ao corpo inteiro um aspecto de pobreza organica determinado pela complicitade d'uma multiplidã de factores biologicos.

O homem cultivado,—estamos resumindo o estudo de Niceforo empregando muitas das suas proprias palavras,—que se morre e vive n'um mundo e n'uma população muito diferentes do mundo e da população pobres, não vê, quando pensa na força e no vigor dos homens do povo, senão os casos excepcionaes. E mesmo assim se engana algumas vezes sobre o valor real d'esses casos, tomando por signaes de nutrição geral, de saúde e de força, simples phenomenos de hypertrophia e de deformação muscular. Taes são, por exemplo, os musculos do braço do ferreiro, uma simples deformação, sem attestarem de modo algum um estado geral melhor que o do homem sem nenhuma deformação muscular.

Estudando umas certas anomalias, que os biologistas apontam como indícios de desordens ou d'alterações na nutrição e na evolução dos ossos e dos tecidos durante os mezes em que o organismo, em plena formação, se acha ainda no seio da mãe, ou nos primeiros annos da vida, vê-se que essas anomalias, ou estudadas no vivo, ou no craneo secco, são muitissimo mais frequentes no pobres que nos ricos: 193 anomalias em 100 creanças pobres, 134 em 100 creanças remediadas; 146 anomalias em 100 adultos pobres, 72 anomalias em 100 adultos remediados.

Isto prova—escreve textualmente Niceforo—que a miseria e a decadencia physica, com as suas desordens e as suas alterações da nutrição geral, com as suas suspensões de desenvolvimento, atacam os organismos dos pobres desde os primeiros annos da vida, ou, para melhor dizer, antes mesmo de terem começado a viver. As marcas d'esses soffrimentos e d'essas decahidas fixam-se então como uma mascara sobre o rosto dos homens acompanhando-os durante a vida inteira.

Do estudo dos caracteres physiologicos passa Niceforo ao estudo dos caracteres psychologicos, concluindo pela mesma inferioridade.

«Recordemo-nos de que a psychologia de cada individuo não é mais do que um organismo. Nasce com a creança, repetindo as formas e os aspectos da psychologia primitiva graças á lei de Hæckel; desenvolve-se mais tarde, lentamente e progressivamente, com a idade; mas não pôde atingir a sua completa evolução sem o concurso d'uma quantidade de condições—cultura, meio intellectual, bem-estar physico e mesmo economico—que faltam aos homens collocados nos degraus mais baixos da escala social. Que admira, pois, que estes careçam d'uma evolução completa do seu organismo psychologico e mais precisamente das estratificações mais recentes? Não se poderia dizer, voltando á lei de Hæckel, que a ontogenia psychologica não é completa n'esses homens?»

E' verdade que no seio d'essas classes se forma nos nossos dias uma elite diferente no fundo da camada social donde sahe, elite que resulta d'uma verdadeira selecção entre os mais intelligentes d'esses homens. Mas quem consultar as estatisticas relativas a esse movimento e a esse agrupamento de homens seleccionados não terá difficuldade em reconhecer quanto elle é excessivamente restricto. Não quer isto dizer que esse pequeno numero seja incapaz de arrastar a massa mais vasta e mais profunda que se estende abaixo d'elle. Pelo contrario, é provavel que a massa siga a elite, por menos numerosa que esta seja. São sempre as elites e as minorias que constituem o nucleo de toda a nova formação e que imprimem movimento ás multidões.»

Toxinas produzidas por fadiga chronica não reparada, auto-intoxicações resultantes de venenos naturaes do organismo insufficientemente eliminados por órgãos cujo funcionamento é imperfeito por causa da má nutrição, do excesso de trabalho, por falta das condições higienicas as mais necessarias, as chamadas intoxicações industriaes, emfim, tantos inimigos que atacam nos pobres não só o desenvolvimento physico do organismo

como tambem o mecanismo das funções intellectuales, taes são, segundo Niceforo, as causas d'essa inferioridade de psychologica que, como a inferioridade physiologica, caracteriza as classes pobres em relação ás classes ricas da sociedade.

«Assim, as condições economicas e higienicas influem sobre o organismo, sobre os sentimentos e mesmo sobre a mentalidade nas suas fórmãs mais elevadas, taes como a intelligencia e o genio. Estas ultimas manifestações não podem, evidentemente, ser creadas pelo meio e são phenomenos estritamente individuais, mas é fóra de duvida que uma camada social onde abundem as mentalidades mediocres e atrophias por phenomenos de decadencia e de envenenamento produzirá necessariamente menos talentos que uma camada social que se ache nas melhores condições economicas e higienicas.»

H. C.

### DIAS FERREIRA

Diz-se que o sr. Dias Ferreira fará amanhã publicamente, em Lisboa, a sua adhesão á republica.

Como conquista moral é para louvar e estimar. De resto, velho e sem fé, não nos parece que d'ahi venham para a causa republicana vantagens d'outra ordem. O sr. Dias Ferreira cem vezes tem dicto que tanto valem republicanos como monarchicos. Que são todos—phrãse sua—os mesmos portugueses. D'ahi o nós dizermos que falta a fé ao sr. Dias Ferreira.

Mas não ha duvida que é—a realizar-se, se porventura se realizar, e só acreditaremos quando virmos—um facto importante.

Quem está furioso é o Bernardino. Porque fica com a candidatura á presidencia muito abalada. Muito abalada!

## Cartas de Lisboa

16 DE AGOSTO.

Escreve-nos pessoa desconhecida:

«E olhe que os que não lhe chamam vendido ao governo chamam-lhe desorientado.»

Já sabiamos. Mas tambem ahi nos exaltam quando julgam deprimir-nos. Somos desorientado porque, é claro, não seguimos a orientação que elles seguem. Pois não é claro? Se seguissemos a orientação que elles seguem não nos chamariam, não nos poderiam chamar desorientado.

Mas qual é a orientação d'elles? Nem elles sabem, coitados. Nem elles sabem! Se a republica lhes entrasse amanhã pela porta dentro iam de chapéo na mão pedir aos monarchicos que os tirassem de difficuldades.

Porque se os monarchicos não teem mais talento, e não teem, do que elles, teem ao menos algum conhecimento pratico das coisas publicas. E elles não teem conhecimento de coisa nenhuma.

Coitados! Coitados! A que os levou a orientação d'elles? Nem nós o queremos dizer. Levou-os ao desastre que previamos. Levou-os ao becco sem sahida que aqui lhe prophetisamos. Tudo foi previsto por nós n'este semanario. Tudo! Ha vinte e cinco annos que lhe dizemos que seguem um caminho errado. Ha vinte e cinco annos que nos esforçamos por os fazer entrar na razão e na verdade. Debalde.

Debalde, não. Alguma coisa conseguimos. Provocar os odios feroces d'essa turbamulta ignara.

Tendo nós previsto o desastre de 31 de janeiro, tendo nós previsto o actual desastre, tendo nós dicto detalhadamente, antes de rebenotar o movimento do Porto, o que ia succeder, tendo nós dicto, detalhadamente, desde que João Franco subiu ao poder, o que ia resultar, fazendo, portanto, alem das previsões de conjunto previsões de detalhes, tendo nós sido o unico a expôr claramente o processo a seguir, a unico com opiniões definidas e com coragem para em publico e atravez de tudo as sustentar, parece que, dando-nos os factos plenissima razão como teem dado, nos assistia algum direito ao reconhecimento partidario. Qual historia! Teem sido motivo para redobrar d'odio e de má vontade contra nós. O que prova simplesmente que é escusado esperar alguma coisa d'acertado d'esse ban-

do de berradores desafinados. Beram, beram, beram! E n'isto se cifra toda a sua politica: em berrar.

Não ha razão, não ha consciencia que se imponha áquelle triste sestro de berrar.

Desorientado! Pois porque não? Orientados são elles. E muito bem orientados. Pois ha, ou houve já mais no mundo, orientação que chegue á dos chamados republicanos d'este jardim á beira mar plantado? Orientados na paz e orientados na guerra. Todo o mundo sabe a fórmã admiravel porque elles teem conduzido as questões em tempo de paz. E todo o mundo está acabando de ver como elles conduzem admiravelmente as questões em tempo de guerra.

Ah, desgraçados, desgraçados! Nunca ninguém soube o que elles queriam. Nem ellês! Nunca ninguém soube o que elles faziam. Nem elles! Nem elles proprios! E ousam chamar aos outros desorientados!

Não queremos zombar em horas tristes. Não nos queremos aproveitar de situações desgraçadas. Senão, seria agora occasião de explicar porque elles proclamavam com entono que d'aqui a dois annos já não existiriam braganças em Portugal. E de fazer comprehender o verdadeiro motivo porque o novo D. João IV, o rei-presidente da restauração annunciada, ensaiava na Travessa do Pinheiro o futuro beija mão real presidencial.

Não queremos zombar, não. Não nos queremos aproveitar de situações desgraçadas. Porque, se quisessemos, mostraríamos os numerosos pontos de contacto que, partidariamente, existem entre a situação que precedeu o 31 de janeiro e a situação actual.

Desgraçados! Com o 31 de janeiro não fizeram senão preparar um reinado tranquillo ao rei D. Carlos. Com tudo o que veem fazendo ha um anno só conseguirão preparar um reinado tranquillo ao filho do rei D. Carlos. Por mais que o rei calcinhas da Travessa do Pinheiro se veja todos os dias de manto e de sceptro ao espelho e ensaie publicamente farças reaes.

Quantas vezes nós lhes dissimos: «Querem fazer a revolução? Pois então preparem-se solidamente para ella. E uma das maneiras de se prepararem é inspirar confiança aos elementos preponderantes da nação. Estudem as questões publicas. Mostrem que as conhecem. Façam desaparecer essa deploravel reputação de theoreticos, de nephelibatas, de patetas, que os persegue. Deixem-se de litteratices. Menos litteratos e mais homens de estado. Como litteratos bastam Theophilo Braga e Guerra Junqueiro. Esses, com o José Caldas a servir de menino de côro ou sacristão, bastam para as grandes solemnidades litterarias. E os restantes que se mostrem homens praticos, capazes de fazerem alguma coisa. Emfim, homens que deem na vida publica a confiança que na vida particular dá a cada negociante o seu guarda livros e a cada cidadão a sua mulher ou a sua governanta. Nem o exercito, nem nenhuma das classes dominantes, fazem a revolução, estejam certos, se se convencerem de que os senhores não são capazes de governar o barco, de lhes ter a casa arrumada e o jantar feito a horas. Desenganam-se. Os senhores deliciam-se com rhetorica. Mas são os senhores. Só os senhores. Os outros são indifferentes a essas cantigas. Porque nem os senhores mesmos, afinal, se governam com cantigas. Que o diga, por exemplo, o Affonso Costa.

Não se tornem um simples partido d'arruaça, lisongeados por todos os partidos monarchicos na opposição, mas escorraçado, como elemento ferozmente hostil, systematicamente perturbador, por todos os partidos monarchicos no governo. D'essa fórmã servirão sempre os interesses dos outros, nunca os proprios interesses partidarios, os interesses do paiz, os interesses das idéas. D'essa fórmã serão sempre

um deploravel instrumento de reacção.

Não andem sempre a falar d'alto como quem traz a republica na mão. Não andem sempre a ameaçar com a revolução. Querem a revolução? Arranquem aos governos conquistas liberaes. Fortaleçam á sombra d'ella os principios. Eduquem á sombra d'ella o caracter nacional, que tanto precisa de ser fortalecido, que tanto precisa de ser educado. E trabalhem ao mesmo tempo, sem dar alarme, sem despertar suspeitas, sem fanfarronadas ridiculas, ou pelo menos escusadas, na parte material da revolução.

Procurem attrahir o exercito, mais pela confiança intellectual que lhe inspirem, mais pela confiança moral, que por servilismos, corrupções, manigancias de qualquer ordem, em que não podem levar a palma aos monarchicos. E, em todo o caso, não confiem no exercito para a iniciativa revolucionaria. Essa iniciativa partirá do povo, e do povo deve partir por motivos de varias ordens. O exercito dará a sua adhesão no momento adequado.

Não se atenham, movidos pelo susto e odio á municipal, a certos effeitos, que podem servir, apesar de todos os seus contras, n'uma acção combinada, mas que serão desastrosos quando o movimento não se apoie em mais sólidos elementos materiaes.

Emfim, não sejam discolos, não sejam arruaceiros. Não deem essa impressão ás classes preponderantes no paiz, nem aos estrangeiros. Não lhe deem essa impressão, nem nas horas de paz, nem nas horas de guerra.

Cem vezes lhes dissemos isto. Cem vezes!

Inutil. Escusado.

Para que havia de dar Guerra Junqueiro e Bernardino a republica como certa n'um prazo maximo de dois annos? Poderia ser simples rhetorica, que nem por isso deixaria de ser uma affirmação insensata, uma affirmação estúpida. Mas dava-se o caso extranho de coincidir com coisas que se diziam por toda a parte. A's escancaras, sem rebuço, como nos dias que precederam a infeliz jornada de 31 de janeiro.

Sempre os mesmos alminhas do Senhor!

No dia em que appareceu a noticia do processo dos 21 logo toda a gente viu que o governo tinha pensamento reservado. Andava moiro na costa. Andava. Andava. Ha muito tempo! O governo foi feliz com o ensejo que o acaso lhe deu. Mas ha muito tempo—tinhamo-lo dicto mezes antes n'esse jornal—que a reacção aguardava a hora do assalto. Tinhamo-lo dicto mezes antes? Nunca deixamos de o dizer. Diziamo-lo constantemente. Esta é que é a verdade. Mas o desorientado somos nós. E os orientados são elles.

Nunca, nunca estes homens sonberam fazer coisa com geito. Nem propaganda pacifica, nem propaganda guerreira. Nem trabalho sério de derrocada moral, nem trabalho sério de derrocada material. Ora vejam a Lucta a declarar que já tinha ha muito elementos para fazer contra o ministro da justiça a campanha acertada e justa que está fazendo *Novidades!* Tinha, mas não quiz. Provavelmente, porque era um caso de... moralidade privada!

Nunca souberam fazer nada. Nunca! Excepto festas d'egreja e procissões, que n'isso são de primeirissima ordem. Filho de peixe sabe nada. Descendentes de fanaticos, como não hão de ser meritos em coisas divinas? E' olhar para o Bernardino, o rei calcinhas, que parece mesmo um filho do céu. E' olhar a sério. E não haverá duvida nenhuma: em volta da fronte augusta tem aureola!

Nunca souberam fazer nada. E assim arrastaram—nós bem o diziamos, nós bem o diziamos!—e assim arrastaram o partido republicano a um desastre.

A um verdadeiro desastre.

Foram-se por agua abaixo a prophcias de Guerra Junqueiro e Bernardino. A republica mais uma vez recuou em Portugal.

Mas o partido republicano assim o quiz. E' bem certo que todos os governados teem os governantes que merecem. O partido republicano assim o quiz. E então assim o tenha.

C.

## Descanço Semanal

Foi publicado, como se sabe, o decreto que regula o descanso semanal. E a Associação Commercial de Aveiro, reunindo, deliberou por grande maioria que fosse o domingo o dia escolhido.

Deliberou bem e é esse o espirito do proprio decreto. O espirito e a letra. O decreto permite que seja escolhido outro dia para descanso semanal. Mas fixa o domingo como o dia regular.

Independente de todas as idéas religiosas, que nada teem com este caso, entendemos que a Associação Commercial andou bem, porque sendo o domingo o dia tradicional do repouso, aquelle em que descansam todas as outras classes; não escolher o domingo seria privar os empregados commerciaes das regalias que esse dia concede, sobretudo n'uma terra como Aveiro. Em Lisboa e Porto é facil a qualquer distrahir-se em qualquer dia da semana. Em Aveiro, os pobres empregados commerciaes nem sequer poderão, fóra do domingo, jogar as prendas com a familia. Ficarão a olhar para as moscas.

Não sabemos se o caso é já caso resolvido. Se o não é, ousamos chamar para estas justas considerações a attenção de quem tiver de resolver.

Não vemos motivo para ir, n'uma causa justa, contra as decisões da maioria da Associação Commercial.

## LIVROS

### ANALYSANDO

HENRIQUE TRINDADE COELHO

«CARVÕES»

Livro de versos. Edição da livraria editora França Amado.—COIMBRA.

Um livro de versos só se impõe por dois motivos: ou apresenta um poeta preenche de imaginação ou um pensador embora descuidado na fórmã.

A imaginação é o producto hybrid d'uma educação repleta de fantasias. A fantasia germina em cerebros que não pensam. Quanto mais se não olha a vida mais necessidades existem de preencher as lacunas visuaes com o que não é parte integrante da vida. Assim as religiões appareceram concebidas pela fantasia do homem.

A imaginação não tem a sua base em conclusões scientificas. Alimentase do será possível? Vive da falta de conhecimento da mais rudimentar psychologia.

Como muito bem disse o dr. Romeo Manzoni, no seu livro *Lé Prêtre dans l'Histoire de l'Humanité*:—«O homem tem um inimigo terrivel: a imaginação. Embora comprehenda que tudo o que excita e toca a imaginação, escurece e cega a razão, o seu espirito é conduzido, como na vertigem d'um sonho, a pensar o absurdo e a crer no inverosimil.»

A imaginação é inimiga do raciocinio, porque sabe a sua existencia depender da ausencia da razão. O raciocinio só tem abrigo em cerebros bem organizados. O raciocinio obriga a olhar para a vida tal qual é e não,

dã tons cõr de rosa onde de seu natural sejam negros.

O poeta imaginativo é o verdadeiro prototypo d'uma educação falsa, e não se calcula o mal que faz a uma litteratura quando em sua obra artisticamente rythmada elle poetisa a vida, falseando-a.

E' uma creatura que, ao descrever as fazes angustiosas d'um ente tuberculizado, consegue que os seus leitores sonhem na ancia de adquirir o mal, como se fosse um tesouro inapreciavel.

Quando canta as suas dôres intimas, ellas apparecem a nossos olhos como pertença imprescindivel. Não as verseja como balsamico remedio a outras iguaes; os seus versos são braços abertos a alliciar desejosos de sofrer.

O segundo predicado tem menos eleitos. O pensador-poeta é avis-rara e quando apparece bastas vezes a chamada critica lhe encolle os hombros e o recebe n'uma mudez significativa.

O poeta que não cuida só da forma e procura dar a cada verso a expressão d'uma arte redemptora é o verdadeiro artista. A sua pureza consiste em se não macular com o banal joguinho dos parnasianos.

O auctor do livro Carvões caminha a passos largos para o grupo dos artistas dignos.

Quasi todo o seu livro denuncia-o poeta-analista. Pena é que ainda esteja atado aos muitos preconceitos. Não me refiro aos preconceitos de escola litteraria; a esses já fugiu ha muito. Refiro-me ás preocupações mesquinhas da sociedade d'hoje.

Henrique Trindade Coelho é um rapaz intelligente na verdadeira adjectivação do termo. O seu espirito procura soluções a tudo que é razão de ser da actual sociedade. Mas vivendo n'um meio em que a mentira se aspira como o Ideal de Houbigant, o seu aneio de persequitar é substituído pelo receio de demolir.

Cada carvão dos muitos que o livro tem, é de tal forma combustivel, que se prevê o desejo de Trindade Coelho, em os lançar a arder sobre um montão de falsidades, mas faltalle a energia que lance o gesto libertador. Mesmo que não queira, entra a fundo, como esgrimista de talento, na superstição parlamentar, a pags. 27 e 28 e ahí é que se mostra tal como o seu processo critico lh'o exige:

«Eu respiro, pensando para mim Que depois d'un discurso d' hora e meia Ouvei attentamente até ao fim Consequira ficar sem uma ideia!

Julgo que o rei na lividez do giz Teve um sorriso que ondulou, fugiu... Ora se o rei resuine o meu paiz O meu paiz por conseguinte,—riu!

E a elle eu lembro este seguinte distico Que resumisse todo um pensamento Em estilo mordaz e cabalístico Para a porta central do parlamento:

«São aqui as campinas verdejantes Dos filhos d'uma ingénua raça historica Velhos pastores d'ovelhas ignorantes Tangendo as frautas ócas da rétorica.

O' vós que entraes, a alma preparada Para passardes umas horas uteis: Idez saber o que é a voz do Nada Na bocca dos sonõros e dos Futeis.»

Julgo estas quadras suficientes para apresentar Henrique Trindade Coelho como um observador que filosofa sobre o que vê.

Diz na primeira quadra que ao fim de ouvir discursos diversos a que prestára a devida attenção:

«Consequira ficar sem uma ideia!»

E' uma verdade! Ai, d'aquelle que ao entrar num parlamento leve ideias no cerebro. E' roubado! Sai sem ellas! Ficam todas em poder desses malabaristas que jogam as palavras, como os sportmans jogam o murro. Ainda se elles as tomassem para as impingir na integra; isso sim! Multratam-n'as de forma que não são percebidas! Também não é para admirar. Para que servem os parlamentos? Dou a palavra ao velho socialista allemão, Liebknecht:

«Pela palavra não podêmos exercer nenhuma influencia directa sobre a legislação. Não podêmos mover o Reichstag, pelos nossos discursos. Que effeito produz um discurso? Nenhum. E falar sem resultado é um prazer de loucos. Não se tira vantagem al-

guma e correm-se mil perigos: os principios são sacrificados pelas constantes escaramuças politicas e o povo na sua ingenuidade continua a crêr que o parlamento resolverá a questão social. Eu não abandono o uso da palavra. Mas no momento em que um mundo morre e outro mundo nasce, o nosso logar não é no parlamento, é no meio do povo, já que somos seus defensores.»

Henrique Trindade Coelho poz em verso o que Liebknecht afirmou em prosa com outras variantes.

«Idez saber o que é a voz do Nada Na bocca dos sonõros e dos Futeis.»

E nestes dois versos está perfeita-mente sintetizada a acção do parlamentarismo.

Como obra de esthetica modelar é o soneto que fecha o livro Carvões:

«Ahi que ventura este meu quarto encerra! E ha tanta dôr, lá fóra, tanta vida, Que eu julgo encontrar n'ella a paz da terra E o extranho socego desta vida.

Nem sei que vago pensamento erra Ao longe, e na penumbra adormecida, Ao longe e vago, como aquella serra Mergulhada na névoa e esbatida.

E' a memoria dos que lutam, correm Pelas aguas do mar, batalham, morrem Tiveram Mães, Irmãs e foram Noivos!

Paz do meu quarto, longe de martirios! Tenho agora á janella sete lirios Que Deus pôde mudar em sete goivos!

Por este soneto se vê quanto Trindade Coelho é cuidadoso na fórma e honesto na execução.

E' um verdadeiro poeta e quando observa com olhos de vêr é também um pensador. Pensador causticante emprestando nos seus versos todas as suas ironias, muito suas.

Não deve deixar de escrever. Não se importe com a quantidade, o que deve é attender á qualidade.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

Fallecimento

Após um doloroso soffrimento, falleceu na terça-feira n'esta cidade, o sr. João Marques da Cunha, importante capitalista. O finado era geralmente estimado e gosava entre nós de grandes sympathias, motivo porque o seu passamento, embora esperado ha já algum tempo, causou o maior sentimento, porquanto o extinto, alma nobre e coração sempre aberto a todos os infortunios, contava um amigo sincero em cada aveirense.

O extinto era genro do nosso estimado amigo sr. Manuel da Rocha. A familia enlutada a expressão das nossas condolencias.

Excursão de Coimbra

AVEIRO

Conforme noticiámos, realisou-se no domingo passado a excursão dos filhos da Luza-Athenas a esta cidade, que para esse fim se vestiu de galas para receber os sympathicos excursionistas, d'uma maneira nobre e fidalga como é proprio das suas nobres tradições.

Logo pela manhã começou afluír ao Largo Municipal todos os convidados que deviam ir esperar os comimbreenses, e, ás 6 e meia da manhã, ao signal convençional d'uma girandola de fogo, punha-se o cortejo em marcha com destino á estação, acompanhado por 4 bandas de musica.

As 7 horas dava entrada nas agulhas o comboio especial que conduzia os nossos hospedes, irrompendo logo todas as bandas com a linda marcha Coimbra-Aveiro, entre o estalejar de foguetes e de muitos vivas d'entusiasmo.

A' passagem do comboio os vivas confundiam-se uns com os outros, tal era o delirio de que todos estavam possuídos. Posto o cortejo em marcha, foi durante todo o tracto entusiasticamente saudado, principalmente á passagem pelo Asylo-Escola e rua da Costeira, d'onde lhes lançaram muitas flores e lindas poesias de saudação. Era commovente vêr as innocentes creancinhas debruçadas no enorme arco triumphal, erecto á entrada da Costeira, simulando as portas d'antiga cidade, que a nitida pin-

tura fingia muito bem a construcção de grandes pedregulhos, no afan de espalharem sobre os nossos visitantes flores e poesias, que gentilmente agradeciam, descobrindo-se.

Chegados que foram aos Paços do Concelho, encaminharam-se para o salão nobre do municipio, onde o sr. vice-presidente lhe deu os cumprimentos de boas-vindas, falando em seguida os srs. dr. André dos Reis, Maximo H. d'Oliveira, Julio Silva e Joaquim Ferreira Felix. Por parte dos comimbreenses agradeceram os srs. Joaquim Teixeira de Sá e Antonio de Souza. Também o sr. Albino Pinto de Miranda, vice-presidente da Associação Commercial, em nome da associação que representava, saudou o commercio de Coimbra, que era numerosamente representado, cuja saudação foi calorosamente correspondida.

Seguiram depois para a Sociedade Recreio Artístico, onde foi offerecido á Commissão de Coimbra um copo d'agua, trocando-se brindes muito affectuosos para as duas cidades. N'essa occasião o membro da Commissão sr. José Pereira da Motta, leu um primoroso discurso, findo o qual offereceu ao presidente de cá, sr. Maximo d'Oliveira, um lindo ramo artificial de rosas, com uma comprida palma, abraçando-se os dois muito effusivamente. Depois debandaram uns para a ria e outros visitando os principaes monumentos e fabricas da cidade.

As 10 horas principiaram a tocar nos coretos da Praça do Commercio e do Largo Municipal, duas bandas de musica, tocando no Jardim Publico da 1 ás 3 da tarde a excellente banda de infantaria 24. As 4 horas teve logar a tourada, finda a qual tocou na Praça do Commercio a magnifica banda dos Bombeiros Voluntarios. As 9 horas seguiu o rancho para o jardim acompanhado d'esta banda, principiando os descantes populares que se prolongou até ás 11 horas.

O jardim foi muito concorrido, em virtude do fim altruista para que era o seu producto—para os tuberculosos pobres das duas freguezias d'esta cidade.

Organisou-se uma esplendida marcha aux flambeaux em direcção á estação do caminho de ferro. O jardim, Largo Municipal, Praça do Commercio e diversos edificios estavam lindamente illuminados, salientando-se a «Escola Industrial Fernando Caldeira», que era d'um effeito surprehendente.

Não se pôde imaginar o delirio com que se despediu dos comimbreenses o povo d'esta cidade, tal era o enthusiasmo e o fervor dos abraços e dos vivas ininterruptos.

A Sociedade Recreio Artístico, a quem se deve a iniciativa dos festejos, é digna dos maiores encomios e de todas as nossas sympathias. Os seus credits mais uma vez se impozeram á consideração de todos.

ASSOCIAÇÃO

DE

ESCOLAS MOVEIS

PELO

Methodo de João de Deus

[Fundada em 18 de maio de 1882]

Esta benemerita associação acaba de dirigir a varias personalidades e á imprensa a circular que em seguida transcrevemos:

Ill.º e Ec.º Sr.—Elisée Reclus, sabio francez, auctor d'uma magistral Geographia Universal, disse que as desco-

bertas e conquistas dos portuguezes nos seculos XV e XVI foram tão extraordinarias e extensas que ao geographo seria difficil tarefa descrevel-as por completo. Só, no immortale poema os Lusíadas, Camões pôde cantá-las, na sua epica grandesa...

Enquanto os portuguezes, verdadeiros pioneiros da civilização, por mares nunca d'antes navegados, ensinavam á Europa o caminho marítimo para a India e consumiam toda a sua energia na conquista e colonização do Oriente—outros povos cultivavam as sciencias e as artes—comprehendendo que na Instrucção estava a mais sólida base do progresso.

Porque mais batalhavam com a espada do que exercitavam a penna, os portuguezes, pelo menos na instrucção elemental, descurada pelos seus dirigentes, acham-se a um seculo de distancia das outras nações cultas.

Um professor suizo visitando do Sul ao Norte as escolas de Portugal, emittiu esta opinião:

«Enquanto tiverem as escolas primarias no estado em que se acham, não só não podem progredir, mas nem tem direito a progredir. O que se vê n'este paiz é profundamente lamentavel.»

No intuito de que a iniciativa particular fosse em auxilio da negligencia governativa fundou-se ha 25 annos a associação de Escolas Moveis (a exemplo do que se pratica na Suecia e Noruega), com a quota minima para cada socio de 1200 réis (6,6 francos) por anno; 100 réis (55 cent.) por mez. O maior subscriptor é um cidadão que se occultou sob o pseudonimo de Tobias Jorapa e paga a annuidade de 400\$000 réis (555,5 francos).

Se ao portuguez Vasco da Gama coube a gloria de descobrir o caminho marítimo para a India—outro portuguez—João de Deus—o maior poeta lyrico depois de Camões—teve a fortuna de resolver o problema da leitura e da escripta. E se o seu racionalissimo methodo, creado ha mais de 30 annos, não está ainda generalizado e adoptado em todas as nações cultas é porque a lingua portugueza, embora seja ainda falada nas cinco partes do mundo, não tem a universalidade que hoje usufruem os idiomas, inglez, francez, allemão, etc.

Mas a attestar o genio portuguez (se do resto do grandioso patrimonio ultramarino, viermos a ser esbulhados), além Oceano Atlantico, na America do Sul, como padraõ da raça latina, ficará unida das nações mais florentes e de maior extensão territorial: os E. U. do Brazil aonde já hoje 20 milhões de habitantes d'aquella republica falam a lingua do povo que no mappa da Europa occupa o extremo occidente.

Enquanto a chaga do analfabetismo fór uma vergonha nacional—o portuguez que negar o seu obolo ás Escolas Moveis—não é bom christão nem bom cidadão.

Pelo censo de 1900 constata-se que quatro quintos da população portugueza—é gente que não sabe lêr. Nas povoações ruraes a ignorancia, em pleno seculo XX, é quasi primitiva.

Ao sul do paiz na provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho de Estremoz, a freguezia de Santo Estevam conta 405 habitantes. Varões só tres sabem lêr; analfabetos 98,7%. Femas 100%: todas illetradas. Na provincia da Beira Baixa, no centro do reino, districto da Guarda, ha 13 freguezias em cada uma das quaes só uma mulher sabe lêr. Em 9 freguezias nenhuma mulher sabe lêr. E' preciso percorrer 22 freguezias d'esse districto para encontrar 13 mulheres sabendo lêr. Factos semelhantes se constataem em numerosas freguezias de todo o paiz. Na ilha da Madeira, concelho de Machico, a freguezia de Santo Antonio da Serra conta 1.124 habitantes; do sexo masculino, em 532—só cinco sabiam lêr; 527 ou 99% analfabetos. Do sexo feminino 592—illetradas 100%: nenhuma sabe lêr!

Na republica do Brazil acham-se deseminados um milhão e meio de portuguezes. A média annual dos nossos emigrantes, para ali, é de 30.000.

A confirmar os dados estatísticos, que foram citados, temos os passaportes passados pelas autoridades aos emigrantes. Dois exemplos bastam a fazer prova. Em janeiro de 1906, pelo governo civil do Funchal (ilha da Madeira) tiraram passaportes 284 emigrantes, dos quaes sabiam lêr 13; analfabetos 266 ou 93,6%. Em março do mesmo anno no governo civil de Villa Real (provincia de Traz-os-Montes) tiraram passaporte 308 emigrantes,—sabendo lêr apenas 18. Illetrados 290 ou 94%.

Constata-se que até nos emigrantes da Turquia a percentagem dos analfabetos não excede 54,3%...

Decorridos 73 annos de effectividade no regimen representativo, de soberania popular, não nos limitamos a ser o povo menos culto da Europa; até as chamadas raças inferiores—a negra—nos passaram á frente. Por uma estatística de 1891—verifica-se que ha 16 annos no Cabo da Boa Esperança, descoberto e dobrado pela primeira vez em 1487, pelo portuguez Bartholomeu Dias,—na população europea eram illetrados 28%. Na raça indigena a percentagem dos analfabetos, era de 86%. Nos estados do Sul da America do Norte a percentagem dos analfabetos, na raça negra, era: de 73,15% em 1850; mas em 10 annos baixou 16,35%, pois que essa percentagem em 1890 (ha 17 annos) tinha descido a 56,8%.

Não pôde classificar-se de moribunda—uma nação—só porque nas luctas da actividade humana não dispõe de eguaes armas ás usadas por outros paizes. Nas sciencias, nas artes e nas letras,

é maior a percentagem dos intellectuaes portuguezes? E como não ha de ser assim se 80% da população nascem e morrem sem receber o baptismo espirital do ensino elemental? Mas a despeito dos seus maus governos, Portugal algo tem avançado—como o attestam as suas finanças. Em 1860 a receita do Estado foi de 11.866:871\$879 réis ou sejam 65:927:066 francos; 2.637:083 libras sterlingas; 11.866:871 dollars. Mas no orçamento de 1907 a 1908 as receitas do Estado estão calculadas em: réis 68.291:053\$218; francos 379:894:756; libras 15:175:790.—dollars 68:291:056. Houve, pois, em 47 annos—um augmento de 56.424:184\$239 réis; 313.467:690 francos; 12.538:707 libras; 56:424:184 dollars.

E' lamentavel o estado da instrucção e das escolas em Portugal, como disse o professor suizo; com metade da nossa população dispendem muito mais a Dinamarca e a Noruega, etc.; tambem gastamos um terço do que gasta a Suíça e, na proporção, menos de uma oitava parte do que gastam os Estados Unidos. Seriam precisos 60 mil contos de réis (60 milhões de dollars) para, de prompto, acudir ás necessidades do ensino primario em Portugal. Infelizmente o thezouro publico, com um deficit chronico, não pôde soffrer uma tal despeza. Eis porque apellamos para a philantropia de todos os cidadãos.

Um minimo de 10 mil escolas, alem das existentes, devidamente mobiladas e com os respectivos professores—são absolutamente indispensaveis e urgentemente reclamadas.

Para a sua construcção e acquisição de material será preciso gastar reis 40.000:000\$000; francos 222:222:000; libras 8.888:888; dollars 40:000:000.

Para combater o analfabetismo no paiz se fundou em 18 de maio de 1882 a Associação de Escolas Moveis, que o egoismo nacional não tem auxiliado como lhe cumpria. Com este instrumento de civilização que se chama o methodo de João de Deus, em curso de 4 mezes ou 90 lições uteis, apenas no paiz e ilhas adjacentes esta associação tem podido realisar até hoje 182 missões ou cursos ambulantes. Para a instituição das Escolas Moveis continuar na sua civilisadora missão e para adquirir os fundos precisos para a construcção da sua sede social—que seja ao mesmo tempo a Escola-Mãe—e o legítimo e racional monumento a João de Deus—dirigimos hoje o nosso appello aos homens ricos nacionaes e estrangeiros.

Se a Arte não tem fronteiras—perante a solidariedade humana todo o mundo é patria! Mantém a Inglaterra com Portugal uma alliança de seis seculos; e das suas descobertas maritimas foi ella a melhor herdeira. Para que o velho alliado retome o seu logar entre as nações cultas recusario os millionarios inglezos o auxilio pedido?

São notorios os largos donativos feitos pelos archi-millionarios americanos para escolas e bibliothecas. Ha pouco tempo John D. Rockefeller offereceu 15 milhões de dollars para uma larga obra de educação e christianização da nação chinesa. Aos Carnegie e Rockefeller nos dirigimos tambem. O bello gesto d'um só d'estes yankees e o problema do analfabetismo em Portugal ficaria resolvido!...

A doutrina de Monroe—em politica—poderá admittir-se; mas sem a mystificação applical-a quando aos espiritos altruistas se faz appello, em nome da fraternidade universal, para que seja auxiliado o povo que em remotas eras altos serviços prestou á civilização e á humanidade.

Dirigimo-nos tambem aos opulentos da raça latina da Europa e da America, que, pessimistas degenerados, accusam de decadente.

Finalmente aos nossos compatriotas do Brazil (e da colonia do Pará recebemos já donativos valiosos), fazemos a ultima rogativa! O auxilio das Escolas Moveis permittirá que esta Associação—levando os seus cursos a todas as freguezias de Portugal—apague a mancha do analfabetismo; esse ferrete que o nosso emigrante leva para o Brazil,—nivelando-o á raça negra do tempo da escravidão por falta de aptidões para trabalhos remuneradores.

Breve esquece a patria o portuguez que a 2.000 léguas de distancia não sabe fazer uso da palavra escripta. Em nome da solidariedade humana não neguemos o pão do espirito aos coelhes do Occidente!

Lisboa, 20 de Julho de 1907.

**FABRICA DOS SANTOS MARTYRES**  
DE  
*CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.<sup>a</sup>*

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.  
Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA**  
**AVEIRO**

**METHODO JOAO DE DEUS**

LEITURA

*Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—18.<sup>a</sup> ed., cart. 200 réis, broch. . . . .* 150  
**Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande . . . . . 5,5000  
**Quadros Parletaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. . . . . 6,5000

*Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—1.8.<sup>a</sup> ed., cart., 200 réis, broch. . . . .* 150

**Gula práctico e theórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. . . . .** 150

**ESCRIPTA**

**Arte de Escripção—cada caderno, . . . . .** 30  
**Livros de polémica sobre o Método**  
**A Cartilha Maternal e o Apostolado. . . . .** 500  
**A Cartilha Maternal e a Crítica. . . . .** 500  
 Do mesmo auctor: **LITTERATURA**  
**Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.<sup>a</sup> ed., (esgotado), . . . . .** 700  
**Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga . . . . .** 800

**DEPOSITO GERAL**  
**Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.<sup>o</sup>—LISBOA**  
*Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906*

DESCONTOS

Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.  
 Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.  
 Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.<sup>o</sup> (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS**  
— DE —  
**ANTONIO FERREIRA FELIX,**  
Filhos (Sucessores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alviades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

**RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO**

**MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES**  
DE  
**Antonio da Costa Junior**

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saínlhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.  
Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

**HOTEL CYSNE BOA-VISTA**  
**AVEIRO**

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afin de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um carretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou queesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

**Feitos quasi de graça só na Oficina de alfaiate DO ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO**  
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

**Cobrança de pequenas dividas**

A Bibliotheca Popular de Legislação, com séde na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriases de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E' a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remettidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

\*  
A' venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

**POVO DE AVEIRO**  
— DO —  
TYPOGRAPHIA

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Entregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

**Especialidade em cartões de visita**

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**  
— DE —  
**Albino Pinto de Miranda**  
(LARGO DE MANUEL MARIA)  
**AVEIRO**

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro; cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.*

**Pechinchas para liquidar:**

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**  
SANGALHOS

**V**ENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.  
Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

**Alugam-se bicycletas**  
José Maria Simões & Filhos  
**ANADIA—SANGALHOS**

**MACHINAS "PFAFF,"**  
— E —  
**BICYCLETTES OSMOND**

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

**Aveiro, Largo do Espirito Santo**  
para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem.  
Toda a correspondencia deve ser dirigida a

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**  
Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

**JOSÉ AUGUSTO REBELLO**  
Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.